



## **A Pedagogia da Alternância, o caminho percorrido e o futuro: entrevista com Pere Puig-Calvó<sup>i</sup>**

Entrevistadores: Prof. Msc. Jordi González-García

Prof. Dr. Cícero da Silva

Entrevistado: Prof. Dr. Pere Puig-Calvó

Jordi González-García<sup>1</sup>, Cícero da Silva<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universitat de Vic - Catalunya. Departamento de Pedagogia. UVic-UCC. C. Sagrada Família, 7, 08500 Vic - CAT. Espanha. <sup>2</sup>

<sup>2</sup>Universidade Federal do Tocantins - UFT. Departamento de Educação do Campo. Rua 6, s/n, Vila Santa Rita. Tocantinópolis - TO. Brasil.

*Autor para correspondência/Author for correspondence: [jgonzavic@gmail.com](mailto:jgonzavic@gmail.com)*

### **Introdução**

Natural de Barcelona, Catalunha, Espanha, Pere Puig-Calvó é Doutor em Ciências da Educação. Professor universitário da Faculdade de Educação, *Universitat Internacional de Catalunya* (UIC), Barcelona, e Professor visitante da EFPEM, *Universidad de San Carlos de Guatemala*. É Secretário Geral da Associação Internacional de Movimentos Familiares de Formação Rural (AIMFR) e Membro da Cátedra UNESCO Paris (Formação por alternância e práticas profissionais) dirigida pelo Doutor Jean-Marie Barbier. Atua como Editor Associado Internacional da *Revista Brasileira de Educação do Campo*. É pesquisador especialista em Formação por

Alternância e Educação Rural. Possui diversas publicações sobre esta temática, como livros, capítulos e artigos (Puig-Calvó, 2003, 2006; Pineau & Puig-Calvó, 2019; Puig-Calvó & García-Marirrodriaga, 2011, 2019; Puig-Calvó & González-García, 2018; García-Marirrodriaga & Puig-Calvó, 2010, 2011, 2020). Portanto, nesta entrevista, gentilmente concedida pelo professor Puig-Calvó em 17 de junho de 2020, ele nos conta um pouco sobre sua trajetória formativa e profissional, sua participação e contribuição ao movimento da Alternância mundo afora, assim como sua visão ou perspectiva de futuro e os desafios do sistema pedagógico da Alternância diante das demandas educativas, sociais e econômicas presentes no mundo contemporâneo.

## A entrevista

**Cícero da Silva:** *Professor Pere, de antemão, muito obrigado por aceitar nosso convite, por conceder esta entrevista. O propósito desta entrevista é trazer um resumo de sua trajetória profissional e especialmente em relação à alternância, pois acreditamos que, atualmente, você é uma das pessoas que mais conhecem sobre o movimento em todo o mundo. Para começar, Pere, como foi sua formação?*

**Pere Puig-Calvó:** Bem, minha formação foi como a de muitos jovens da minha época. Eu sou filho de camponeses, de agricultores. Estudei na escola pública que havia na minha cidade, El Prat de Llobregat, muito próxima de Barcelona. Mais tarde, aos 13 anos, meu pai adoeceu e tive que começar a trabalhar.

Naquela época, na Espanha, existia um sistema educativo chamado *bachillerato*. Com idade dos 10 aos 14 anos, fazia o *bachillerato* inicial e o estudávamos na mesma escola, fora do horário escolar normal, com algum professor. E depois nós íamos fazer exame livre na cidade de Barcelona.

Posteriormente, fiz meu *bachillerato* superior em uma cidade próxima, naquela época ia em uma pequena motocicleta, continuava trabalhando no campo com

meu pai durante o dia e, à noite, cursava esse *bachillerato* superior. Essa já era uma forma de alternância, e poderíamos qualificá-la como não verdadeira, mas já havia uma combinação trabalho-escola, embora sem nenhuma relação porque na escola estudávamos o *bachillerato* geral, como todo mundo, e no trabalho, todos tinham um diferente e não havia nenhuma relação.

Mais tarde, quando concluí o *bachillerato*, eu queria entrar na universidade, mas havia várias dificuldades, dentre elas as carreiras que eu gostava - medicina, etc. - exigiam uma nota alta para ingresso, o que não era o meu caso, e eram cursos em tempo integral, ou seja, que te ocupavam o dia inteiro e não permitiam trabalhar. Então, passei um ano sem estudar nada na universidade e depois me ofereceram a possibilidade de trabalhar no mundo das escolas da Alternância, das Escolas Familiares Agrárias (EFA)<sup>ii</sup> da Espanha. Eu não pude, pois tinha que continuar trabalhando no campo por razões familiares, tínhamos uma pequena caminhonete para transportar os produtos para o mercado central. Quando completei 20 anos, em 1975, comecei a trabalhar na EFA de “El Poblado”, em el Grado, Huesca.

Isso me permitiu descobrir o mundo da educação e ali me interessei pelas necessidades das pessoas do meio rural, seu contexto e seus problemas. Sendo eu também do meio rural, me interessei pelos jovens e o futuro deles, e decidi estudar direito. Foi direito e não educação porque queria defender os agricultores contra aquilo que via como injustiças. Injustiças nos preços dos produtos, nos poucos serviços que havia nos vilarejos, nos obstáculos de acesso a terra, nas dificuldades dos jovens para ter uma merecida dignidade, etc. Fui descobrindo a importância e o valor da educação e vi que o meio de mudar, de transformar o mundo era através da educação. Assim, quando no ano de 1978-79 comecei a trabalhar na EFA Quintanes, graças à minha irmã que podia frequentar as aulas diariamente, pude conciliar meu trabalho com meus estudos no curso de Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade de Barcelona.

Foi interessante porque naquela época, sem saber, de alguma forma, eu já estava fazendo outro tipo de alternância. Era uma alternância porque eu estava estudando algo em que já estava trabalhando, estava trabalhando no mundo da educação e estava estudando educação na universidade. Embora sem conexões planejadas, mas havia alguma conexão direta, porque os professores da

universidade muitas vezes me pediam para colaborar ou me perguntavam. Eu participava, mesmo que eles não me pedissem, já que eu tinha experiência direta no que era educação, porque eu estava lá na faculdade junto com jovens que nunca tinham trabalhado na educação. Essa também foi outra forma de alternância um pouco mais relacionada que a anterior. Lá na Universidade de Barcelona, estudei pedagogia durante cinco anos, que era o tempo de duração do curso nessa época.

Mais tarde, por razões profissionais, mudei-me para a França para trabalhar no centro pedagógico CNP de Chaingy (*Centre National Pédagogique* das MFR<sup>iii</sup>) e lá cursei um DURF (*Diplôme Universitaire de Responsable de Formation*), um curso universitário de pós-graduação, uma espécie de mestrado, na *Université de Tours*. E posteriormente, alguns anos depois, fiz os cursos de proficiência em pesquisa e o Doutorado em Ciências da Educação, num formato multiuso e transdisciplinar, na *Universitat Internacional de Catalunya* (Barcelona), o que me permitiu aprofundar no tema da educação por alternância. Este é o meu itinerário de formação.

No Sistema da Alternância você descobre a necessidade e a importância de ir crescendo e se formando constantemente

em todas as situações e formas que a vida te oferece.

**Jordi González-García:** *Agora que sabemos um pouco sobre como chegou ao mundo da alternância, vamos pedir-lhe para aprofundar em um aspecto: como e quando você descobriu a Pedagogia da Alternância?*

**P. Puig-Calvó:** Eu penso que em minha vida profissional tive vários momentos de descobertas ou de aproximações da Pedagogia da Alternância. O primeiro foi aos 20 anos de idade, quando comecei a trabalhar como monitor na EFA de “El Poblado”. Tenho que admitir que a desconhecia, mas ali percebi algo espetacular: que entre os jovens do meio rural e suas famílias, por causa do que a EFA e a Alternância ofereciam, notava-se neles um crescimento, e, entre os ex-alunos, via-se gente que, de alguma maneira, revolucionava (transformava) os vilarejos, uma revolução pacífica, traziam inovações, projetos, trabalho em grupo, cooperativismo, defendiam seus direitos (sindicalismo) e assim estavam abrindo as portas, vamos chamá-lo assim, um novo ambiente rural, um novo mundo agrícola e pecuário. Essa foi a primeira das minhas descobertas sobre a alternância. E, embora

estivéssemos aplicando os instrumentos da Alternância, precisávamos e recebemos formação pedagógica nesse sentido. Lembro que, naquela época, em serviço, fizemos uma formação em gestão e administração de empresas rurais, ou empresas agropecuárias, e isso nos permitiu ter um pouco mais de base sobre o tema desenvolvimento rural. Essa foi minha primeira etapa na Alternância. Eu diria que foi uma etapa de fazer, de realizar, de aplicar instrumentos. Uma etapa ativa, mas talvez não muito reflexiva; tratava-se de fazer, talvez sem compreender o que estava fazendo, mas que eu via que era bom.

Mais tarde, percebe-se que, no movimento, em nível mundial das EFA ou dos CEFFA<sup>iv</sup>, isto se repete muitas vezes: faz-se, realiza-se, inova-se, mas não se aprofunda (conceitualiza) no “como”, no “por quê” ou no “para quê”. Essa foi minha primeira etapa na EFA de “El Poblado” que, bem, como eu disse, aplicava a Alternância e mais nada, tive algumas dúvidas, mas vi que funcionava bem ao aplicar os instrumentos: o plano de estudo, a visita de estudos, a participação das famílias, a colocação em comum, e toda uma série de coisas que estávamos fazendo e isso foi o bastante. É aí que havia, eu poderia dizer, uma pequena dificuldade, porque você é jovem e quando você

perguntava ao diretor da escola o “porquê”, a resposta era muitas vezes como a que os pais dão a seus filhos pequenos: “porque é assim e pronto”, sem argumentos, mas vimos que funcionava. Essa foi a minha primeira etapa.

Então, quando chegou a segunda etapa, estando na EFA Quintanes e estudando a licenciatura em educação, comecei a relacionar a teoria e a prática. Por um lado, nas pedagogias ativas, Piaget (1970), Decroly (1929), Montessori (1948), Freire (2005) e Dewey (1938), você descobre que existem elementos que estamos aplicando na Alternância. Mas não tínhamos uma base, vamos chamá-la assim, científica do que estávamos fazendo. Foi um período de “querer fazer”, mas sobretudo foi um período de “querer responder” às necessidades dos jovens e das famílias, e isso nos obrigou a romper com o esquema estabelecido no sistema educacional do país; porque a Alternância não era reconhecida e tivemos nossas dificuldades. Então, quase sempre se tratava de justificar o que estávamos fazendo, não víamos como algo, digamos, inovador ou melhor, mas que estávamos em uma posição defensiva para demonstrar às autoridades, às famílias e aos próprios formadores que aquela não era uma formação de meio período, era uma formação em período integral e que se

aprendia no meio, na comunidade, na empresa e na família. As mudanças nos sistemas e as reformas educacionais nos forçaram a adaptarmo-nos, tentando não perder nossa essência. Todos esses assuntos proporcionaram grandes momentos de aprendizagem, de descobrir a Alternância como algo complexo.

A terceira etapa seria o período em que fui trabalhar no Centro Nacional Pedagógico de Chaingy na França, o centro de formação das *Maisons Familiales*, e lá comecei a descobrir uma fundamentação teórica vinculada à prática. Esse momento foi muito importante porque, estando no centro pedagógico e cursando o *Diplôme Universitaire de Responsable de Formation* (DURF), descobri ótimos, vamos chamá-los assim, personagens que influenciaram o mundo das EFA: Daniel Chartier, que já faleceu; especialmente Jean-Claude Gimonet, que continua colaborando e que é um dos personagens que abriu, para dizer de alguma maneira, ao mundo os fundamentos da Alternância. Jean-Claude tem um livro, *Réussir et comprendre l'alternance*<sup>v</sup>, ou seja, fazer com êxito, aplicar e compreender a alternância, que fundamenta o sistema de alternância a partir da ação. Na escola clássica, primeiro você aprende e depois aplica; na Alternância você faz e depois ou em paralelo você entende o que faz, mas

não separadamente, está articulando uma coisa com a outra.

Nesta época passei a trabalhar para a *Solidarité Internationale des Mouvements de Formation Rurale* (SIMFR) e entrei em contato com a AIMFR, o que me abriu um horizonte enorme, pois pude conhecer a realidade das escolas de Alternância em muitos países, nos quatro continentes, onde existem escolas. Conheci as Filipinas e o sistema filipino, conheci a Europa. Nesse momento eu levantei um questionamento interessante, que era: “por que só havia EFA ou CEFFA em Portugal, Espanha, França e Itália?” Mais tarde, pesquisando, descobri que os outros países também tinham um sistema de alternância, como poderia ser o sistema dual na Alemanha, o sistema de alternância que fazem na Bélgica ou o sistema de sanduíche inglês. Na maioria dos países a alternância estava sendo aplicada. Mais tarde, na América Latina, descobri o incrível trabalho que foi feito no Brasil e na Argentina, também com elementos muito importantes no mundo da pedagogia, da educação e do desenvolvimento de territórios e pessoas. Na América do Norte eu descobri as MFR do Canadá, e isso me deu uma perspectiva, eu diria ampla, e vou dizer algo que pode parecer perigoso, uma perspectiva menos dogmática, menos dogmática porque, às vezes, você pensa que tem que ser assim

porque eu o fiz dessa maneira, e não é verdade.

A Pedagogia da Alternância - que alguns a colocaram fechada em modelos educacionais, como o construtivismo ou outros -, eu digo que é uma pedagogia, ou melhor ainda, respondendo segundo Gimonet -, que é um sistema que está em constante construção e adaptação; não é um método acabado, não é um modelo, mas um sistema que está sendo construído e estamos vendo isso neste momento, em que o coronavírus fez mudar a visão de todo mundo e dos que têm duas posturas extremas: os que são a favor de que tudo deve ser digital, e os que são contra, que nada tem que ser digital. Voltando ao nosso sistema de Alternância, não podemos ser dogmáticos, não podemos negar que devemos nos adaptar aos novos tempos em questões sociais, em questões econômicas, em questões educacionais, em questões de comunicação, etc. Por isso, estou constantemente descobrindo a Alternância, ou seja, para mim, 2020 é uma nova descoberta da Alternância.

Frente a uma formação puramente virtual, que alguns chamam de “formação a distância”, na AIMFR estamos experimentando a formação Alternância-Virtual, com o apoio da Fundação ONDJYLA. Porque é verdade que existem elementos digitais e virtuais que facilitam

que todos os alunos em qualquer canto do país possam ter os materiais apropriados que os professores desejam que cheguem a eles, seja por telefone, via informática... Mas, por outro lado, também é verdade - por isso chamamos de Alternância-Virtual - que, se não houver esta tutoria, esse acompanhamento personalizado, esses momentos de trabalho em grupo, de cooperação, colaboração... a partir da realidade do contexto e também um projeto de formação personalizado, que acompanhe o projeto de vida dos jovens... não haverá a liberdade do espírito crítico, a capacidade de reflexão que queremos que os alunos tenham para que possam pesquisar... isto é fundamental.

Os professores não são Deus, não somos deuses e, muitas vezes, em alguns países, um professor de universidade se torna um deus. Lembro-me de um período - eu me esqueci de mencioná-lo antes, quando contei como descobri a Alternância - em que, graças a Gaston Pineau, fizemos um mestrado no Brasil, juntamente com duas universidades: a Universidade Nova de Lisboa e a *Université de Tours*. Esse também foi um período muito intenso para mim, porque Gaston Pineau, que é um promotor de pessoas, me confiou a coordenação pedagógica do mestrado. Foi muito interessante porque fazíamos uma sessão de 15 dias presenciais a cada

trimestre, era uma forma de Alternância e alternamos territórios, universidades, etc. Estivemos na Bahia, estivemos em Florianópolis, estivemos em São Paulo..., fizemos intercâmbio com as universidades...

Qual foi a diferença? Para mim, entre aqueles que faziam o mestrado - que eram aproximadamente 22 professores dos CEFFA do Brasil - e os alunos de mestrado de algumas das universidades, e não vou dizer nenhum nome, com quem trocamos experiências, a diferença foi enorme. As citações bibliográficas e os autores de referência dos alunos do mestrado em Alternância foram, no mínimo, 30 ou 40 autores. Quando vimos as apresentações dos alunos de alguma universidade, os trabalhos deles se baseavam apenas em referências do diretor desse mestrado e de dois ou três colaboradores. Em outras palavras, a pesquisa de outros autores, esse espírito de pesquisa, era pouco visível..., e a informática, as novas tecnologias permitem. Por esse motivo, parece-me muito estranho que em algumas universidades e, em algumas redes de escolas de algum país, eles vejam a formação e o acesso às novas tecnologias como um problema. Pelo contrário, as novas tecnologias devem permitir pesquisar, a abertura ao mundo, ao planeta, com todas as suas opções, seus aspectos

negativos, mas também os positivos. Devemos salvar o planeta, devemos ter uma visão ecológica, devemos ter uma visão humanista e isto, graças às novas tecnologias, podemos fazer. Porque, senão, podemos cair na manipulação, na ditadura de alguns professores e, então, o sistema da Alternância, com as novas tecnologias, deve permitir aquilo que queremos, que é basicamente nos ensinar a pensar, ensinar a refletir. A alternância deve sempre tornar possível a adaptação. Bem, essa é minha constante descoberta ou a redescoberta que vamos fazendo da Alternância.

**J. González-García:** *Sua participação em todo o movimento da Pedagogia da Alternância ficou bastante clara, porém, em sua opinião, qual tem sido sua contribuição pessoal para esse movimento?*

**P. Puig-Calvó:** Bem, eu acho que, no sistema da Alternância, não há uma contribuição individual, mas sim que estamos todos juntos construindo e descobrindo coisas.

Estou pensando em intervenções pelas quais tenho sido parabenizado há algum tempo. Lembro-me de um esquema de participação associativa, de participação das famílias, que o presidente do CEFFA em que eu era diretor à época me mostrou.

Como agricultor, ele me explicou sua ideia de uma escola que funciona comparando a um trator: as duas rodas dianteiras são o diretor e o presidente da associação e as rodas traseiras são a equipe de monitores e o conselho de administração da associação. As duas atrás têm força, o diretor e o presidente direcionam, mas precisam seguir a mesma direção. Este exemplo, que usei muitas vezes, não foi inventado por mim. Talvez eu tenha colocado no papel e no desenho, mas um agricultor, pai de família, me contou.

Outro exemplo, depois de alguns anos de mandato como presidente, ele me disse: “- *devemos procurar um novo presidente*”. Eu, o diretor, coordenador daquela escola, lhe respondi: “- *mas qual é o problema?, nós nos damos bem, a escola está indo bem*” e ele disse: “- *é por isso que estou dizendo, eu sou presidente há mais de 10 anos, não vou deixar o conselho, vou ficar, mas precisamos de sangue novo para trazer novas ideias, novas visões das necessidades dos jovens, do nosso território, que está mudando muito, etc.*” Bem, estes são exemplos que explicam essa participação coletiva, que enriqueceu minhas contribuições.

Estou convencido de que isso também me ajudou muito, quando estava fazendo o mestrado em Orleans e depois o doutorado em Barcelona, onde estava



pesquisando a viabilidade, a durabilidade das escolas de Alternância, me perguntando: por que em alguns países elas continuavam e em outros não? E cheguei à conclusão da importância da formação inicial e continuada dos monitores, dos professores. Penso que é isto que dá unidade - não estou dizendo uniformidade - unidade no sentido de que existe uma visão, um denominador comum, embora o numerador seja muito variado, cada país é diferente e dentro de cada país cada rede é diferente, mas existem alguns elementos comuns.

Isso me levou a refletir que o que aprendemos - Pedagogia da Alternância, participação/responsabilidade das famílias e do pequeno grupo -, esses três elementos característicos que nos foram explicados não eram suficientes e descobri, com a ajuda de todos, a visão dos quatro pilares como elementos comuns dos CEFFA, que agora são usados em muitos lugares. Um dos pilares é um sistema pedagógico adequado, que é a **Alternância**, outro pilar que é a vida **Associativa**, mas não só os pais dos alunos atuais, mas pais, ex-alunos, empresas parceiras, sindicatos, cooperativas, ou seja, uma associação de base. E estes eram alguns meios para alcançar algo mais profundo que eram as finalidades, quer dizer: o **Desenvolvimento integral da pessoa**, a

formação integral dos jovens, com seus projetos de vida e, dentro disso, seus projetos pessoais, projetos produtivos, etc. E, por último, a finalidade do quarto pilar, o **Desenvolvimento dos territórios**. O bem comum da família, a comunidade, o país, o planeta, com essa visão de defesa da ecologia humanista.

Ao produzir a tese, entrevistei André Duffaure, que foi um dos que materializou a alternância aplicada na França em seus princípios, e que ele deixou registrado em um livro<sup>vi</sup>, sintetizado magistralmente de forma escrita por Daniel Chartier, que tinha uma mão muito boa para escrever. André D., explicando a importância da Alternância, disse duas frases que eu tenho muito bem guardadas na mente e que são úteis para a reflexão: uma, “*a educação serviu até agora para expulsar do meio rural os jovens formados*”. Em outras palavras, qualquer jovem das áreas rurais que tinha formação migrava para a capital, migrava para as cidades para continuar sua carreira profissional. Acrescentei a isso que, portanto, quem permanece no meio rural sem formação é à força - porque não se permanece de modo voluntário, fica porque não tem outra opção -, é aquele que não tem formação. Consequentemente, o ambiente rural será sempre explorado, será considerado de segunda ou menor categoria.

E outra frase que eu registrei e que também ficou gravada na mente dizia assim: “*nossas cartas de nobreza*”, que quer dizer nossa identificação como sistema ou movimento educativo, “*vem quando a universidade está interessada em nós*”, quando a universidade começa a se interessar por um sistema fora do comum, e na França foram a *Université de Tours*, a *Université d’Orléans* e o professor Georges Lerbet. Bem, parece-me evidente que eles são dois elementos-chave. Por isso, minhas contribuições têm sido sempre assim, bebendo das fontes de todos.

Na Espanha, quando fui responsável pela formação geral das escolas de alternância, eu me encarreguei da formação de monitores e estabeleci um programa com algumas escolas de verão, onde, além da formação inicial, fizemos uma formação continuada para todos os professores. Quando eu estava em Chaingy sistematizei melhor o assunto e, depois, quando fui trabalhar na Bélgica, começamos o tema do DURF que me permitiu ter uma visão, eu diria, muito mais profunda da Alternância, e do acompanhamento porque essa é a chave: na tutoria e no acompanhamento é onde todos nós aprendemos, os tutorandos e os tutores.

Mais tarde, quando fui trabalhar na Bélgica, no SIMFR, começamos a ver

coisas muito óbvias, e seria quase um retorno, o sistema das MFR, da Alternância, se baseava no ato de ver-julgar-agir (*voir-juger-agir*, em francês), que foi construído pelo Padre belga Joseph Cardijn para a formação de trabalhadores e que inspirou inúmeras organizações e movimentos de ação social na Bélgica e no mundo, que mais tarde foi utilizado pela JAC (Juventude Agrícola Católica) na França. Há uma tese de doutorado sobre desenvolvimento rural de Jean-Louis Ichard (2016) que o explica muito bem.

Comecei a trabalhar no âmbito da cooperação no Brasil, Argentina e Uruguai. No Brasil, houve muita resistência, muita resistência porque um europeu veio da Espanha, onde as EFA tinham uma relação com o *Opus Dei*, que seria segundo eles, de direita, capitalista... embora minha visão política nada tenha a ver com a direita, longe disso. Diziam que era “o capitalismo europeu querendo invadir as EFA do Brasil”, eu me lembro, era essa a ideia, porque falávamos do projeto do jovem, do projeto produtivo, profissional...

Outra questão-chave foi mostrar que, a partir dos anos 70 e 80, os jovens das EFA da França e da Espanha não eram mais apenas agricultores, não era mais apenas o campo no sentido produtivo ou produtivista, eram outras profissões e havia mecânica, jardinagem, turismo, saúde,

todas as profissões do meio rural. Mas eu explicava isso no Brasil e a resposta era um bloqueio, era capitalismo, era... Portanto, eu queria aplicar o ver-julgar-agir e me propus a fazer algumas viagens para que os monitores e os responsáveis pelas associações das EFA do Brasil, também da Argentina e do Uruguai, pudessem visitar as escolas da Espanha, França e Itália. Estas visitas romperam alguns esquemas mentais enormes, enormes porque a criação das EFA no Brasil estava focalizada em uma só pessoa, em um único movimento que havia começado e tudo o que não era o que eles estavam fazendo, não era apropriado, vamos dizer assim.

Lembro-me de uma frase da Glorinha, do Espírito Santo, que nesta viagem disse: “*Ao voltar ao Brasil, cabeças vão rolar*”, porque haviam descoberto que as EFA eram muito mais diversificadas do que eles estavam pensando e esse é o resultado que viram em ex-alunos e ex-alunas. Quantos ex-alunos das EFA do Brasil atualmente não estão trabalhando em muitas profissões!, como carpintaria, mecânica, enfermagem, agroturismo, etc. E as EFA brasileiras negavam essa realidade que seus alunos egressos estavam vivenciando. Aqui também entramos em outros debates que ainda hoje não foram resolvidos em alguns países latino-americanos: a escola deve ser

orientada ou orientadora? O CEFFA tem que obrigar a todo filho de camponês a ser camponês ou eles têm os mesmos direitos que outros cidadãos do país têm para decidir seu futuro? Os CEFFA, na primeira etapa, o primeiro ciclo dos três primeiros anos, quando os jovens têm 13, 14, 15, 16 anos, não podem ser escolas orientadoras em que os alunos realizam estágios em várias profissões?, em um posto de saúde, em um escritório de um município, em uma cooperativa, em uma oficina mecânica... Que eles descubram diferentes opções ao ver o que é uma profissão na prática.

Penso que outra das contribuições tem sido fazer as pessoas pensarem que o importante no sistema dos CEFFA é o aluno e as famílias, e não a pedagogia, nem os monitores, nem os sistemas políticos, o importante é a pessoa. É colocar no centro do sistema dos CEFFA os jovens, as famílias e os adultos em formação. Porque, às vezes, ouvindo alguns debates de monitores ou de associações, me vem à mente a ideia dos reis absolutistas da França ou da Espanha: tudo para o povo sem contar com o povo. Pensamos para os jovens sem contar com os jovens. Aqui, aquela frase de Gandhi, que disse aos ingleses: “*tudo o que fazeis por nós, sem contar conosco, fazeis contra nós*”. Hoje mesmo eu estava em um debate onde havia

professores e autoridades do Ministério da Educação, de diferentes partes da Espanha, mas não havia alunos ou pais de família presentes; todos nós estávamos pensando por eles, porém eles não estavam lá, nem foram ouvidos. Em outras palavras, cuidado para não silenciar as vozes deles. Ramón Flecha (1997), com o tema da dialógica, insiste muito na igualdade das vozes, na igualdade das diferenças, porque somos todos diferentes, mas com os mesmos direitos de sermos ouvidos e respeitados.

Bem, esta é, em síntese, minha participação e contribuição ao movimento e à criação de equipes pedagógicas nacionais, que estão sempre na eterna construção da associação internacional porque, desde o ano de 2010, sou Secretário Geral da AIMFR e ultimamente estamos dando um apoio muito grande à formação Alternância-Virtual para alcançar todos os cantos dos diferentes países, tanto para a formação de monitores, para a formação de famílias, quanto para a formação de estudantes. Estamos respondendo às necessidades de formação digital para evitar uma nova exclusão social: o analfabetismo tecnológico.

**J. González-García:** *Levando em consideração todos os elementos que emergem da sua exposição sobre sua*

*participação e contribuição ao movimento da Pedagogia da Alternância, bem como sua visão sobre a evolução do movimento, em uma perspectiva futura, na sua opinião, quais são os desafios do sistema pedagógico da alternância diante das demandas educacionais, sociais e econômicas presentes no mundo contemporâneo?*

**P. Puig-Calvó:** É um assunto muito amplo sobre o qual devemos aprofundar. Um dos maiores desafios é a desunião. Tem a ver com o que eu disse antes: unidade na diversidade. Unidade significa fazer as coisas não de um modo egoísta, mas como dizem os estatutos da AIMFR: intercâmbio, compartilhamento, solidariedade. Essa é a unidade que queremos, não a uniformidade. Portanto, uma das maiores dificuldades é que as escolas se isolam e deixam cada uma fazer o que quer ou que algumas redes se isolam e não querem ter nada a ver com as outras redes, talvez de seu próprio país e também em nível internacional. Quando isto acontece, a pessoa vive de si mesma, “come-se a si mesma” e pode até desaparecer ou destruir-se por não ter uma visão externa.

Outra dificuldade é, vamos chamá-la assim, o ter medo de que outros nos analisem, de que outros nos questionem.

Por isso, é importante envolver a universidade para que ela nos ajude a perguntar onde estamos, o que estamos fazendo, para onde estamos indo. Este é, para mim, um grande desafio: que se pesquise sobre a Alternância por Alternância e para a Alternância. Quantas universidades dizem que estão fazendo formação por alternância ou educação do campo, mas o retorno aos próprios centros (CEFFA) é muito limitado? Então, precisamos nos questionar para podermos nos apresentar diante do desafio político. O desafio político é muito importante. Agora mesmo, nesta situação de pandemia, é possível ver que os ministérios de educação dos diferentes países estão perdidos e estão se reunindo e experimentam coisas. Alguns países falam em fazer tudo em Alternância, mas não sabem o que é Alternância e em alguns países não autorizam o sistema de Alternância, outros o experimentam através do sistema dual. A Alemanha descobriu esse sistema no século XVIII-XIX, e desde então a Alemanha é como um modelo, o sistema dual.

Com Jordi González-García<sup>vii</sup>, fizemos um trabalho para a Câmara de Comércio da Catalunha e lá tínhamos na mesma mesa-redonda alguém que representava um sistema dual e nós falamos sobre o sistema da Alternância.

Qual é a diferença? Dual, dois aspectos: empresa e escola. Nós, na Alternância, falamos de quatro elementos: **a escola - centro de formação; a associação**, que é sempre proativa, que não é composta apenas pelas famílias, mas também pelos profissionais de empresas e instituições, etc., e temos alguns objetivos, que não se limitam ao emprego do jovem, mas ao **desenvolvimento dos territórios e do projeto de vida da pessoa**. Algumas vezes defini Alternância como dual+. Sim, somos a favor do sistema dual, não somos contra ele, mas a Alternância é mais ampla do que o dual, é mais do que o sistema dual.

Se nossos movimentos de escolas nos diferentes países não se fortalecerem, eles não validam cientificamente o que estão fazendo, qualquer pequena mudança política, pequena ou grande, qualquer mudança nos ministérios pode sobrecarregar o sistema. Por isso esta questão é importante. E é importante de todos os lados, do lado educativo, do lado sociológico, do lado econômico, do lado político... Devemos estudar o sistema da Alternância sob muitos ângulos.

Já aconteceu em algum país que, se a Alternância for assumida apenas do ponto de vista político - não me importa se é da direita ou da esquerda - ela morrerá quando o partido oposto chegar ao poder. Portanto, devemos ter essa visão ampla. É claro que

a educação é política, mas, citando Paulo Freire (2005) e com isso gostaria de terminar: “a escola precisa ser transformadora e transformadora constantemente, não adaptada àqueles que estão ministrando a formação, nem ao que algumas pessoas pensam politicamente.” Penso que neste momento todos questionamos se os partidos políticos atuais são válidos, se não é necessário repensar uma nova maneira de fazer política.

É por isso que existem alguns desafios muito importantes e, ao mesmo tempo, uma perspectiva de futuro, penso eu, excelente, porque uma formação onde a vida e a realidade estejam separadas não faz sentido. Portanto, temos que dar sentido à educação e este pode ser um ótimo momento.

**J. González-García:** *Doutor Puig, muito obrigado por compartilhar a riqueza de sua experiência de vida e toda essa bagagem relativa à educação e, especificamente, ao Sistema Pedagógico da Alternância, sempre a serviço do desenvolvimento dos jovens, de suas famílias e de seus diferentes ambientes profissionais. E, referindo-me às suas palavras, gostaria de destacar nesta entrevista sua grande contribuição à Pedagogia da Alternância, à pedagogia*

*em geral, esse seu interesse em aprofundar na prática pedagógica, em pesquisar e em encontrar o fundamento científico da Pedagogia da Alternância, que lhe permitiu sair da inércia do trabalho bem feito por intuição, como você bem disse. Portanto, permitam-me destacar sua contribuição para melhorar o trabalho de tantos formadores, de tantas famílias envolvidas, e poder apresentá-lo com fundamento perante as autoridades administrativas (ministérios) e educacionais (acadêmicas), com tudo o que isso implicou para impulsionar o Sistema Pedagógico da Alternância em sua constante construção e adaptação, enfim, em sua transformação. E, por último, como você disse, o importante são os estudantes, suas famílias, seu ambiente e não o resto. Mais uma vez, obrigado por sua generosidade e esperamos poder contar com você em outra ocasião.*

**C. Silva:** *Professor Pere, muito obrigado por compartilhar suas experiências, seus conhecimentos sobre a Alternância, a trajetória do movimento, isto é muito importante para nós hoje e para as pessoas que irão ler sua entrevista amanhã e ajudá-las a entender algumas coisas que talvez não possam ser encontradas nos livros. Obrigado.*

**P. Puig-Calvó:** Nada, muito bem e vá em frente. Penso que, se vocês precisarem prolongar ou aprofundar em algum assunto, podemos continuar avançando em outro momento. E ocorre-me, ouvindo isto, que talvez pudéssemos pensar, com Jean-Claude Gimonet ou personagens destes tão interessantes, que ainda estão vivos, em fazer algo semelhante. Nada mais, obrigado e vá em frente.

Barcelona, 17 de junho de 2020.

## Referências

- Decroly, O. (1929). *La fonction de globalisation et l'enseignement*. Bruxelles, Lamertin.
- Dewey, J. (1938). *Experience and Education*. New York: Macmillan Company.
- Duffaure, A. (1985). *Éducation, milieu et alternance. Textes choisis et présentés par Daniel Chartier*. Maurecourt. Éditions universitaires (Collection Mésonance). Edição original en francès.
- Duffaure, A. (1993). *Educación, medio y alternancia. Textos elegidos y presentados por Daniel Chartier*. Buenos Aires: Ediciones universitarias UNMFREO. Traducción en castellano.
- Flecha, R. (1997). *Compartiendo palabras*. Barcelona: Paidós.
- Freire, P. (2005). *Pedagogía del oprimido*. México: Siglo XXI Editores.
- García-Marirrodiga, R., & Puig-Calvó, P. (2010). *Formação em Alternância e Desenvolvimento Local. O movimento Educativo dos CEFFA no mundo*. Belo Horizonte: O Lutador.
- García-Marirrodiga, R., & Puig-Calvó, P. (2011). *Educación en alternancia y desarrollo rural*. Guatemala: Serviprensa.
- García-Marirrodiga, R., & Puig-Calvó, P. (2020). Aprendizaje en alternancia y relaciones humanas, diálogo e inclusión social: formación de formadores en alternancia, un sistema inclusivo para la educación rural. In Ruas, J. J., Brasil, A., & Silva, C. (Orgs.). *Educação do Campo: diversidade cultural, socioterritorial, lutas e práticas* (pp. 157-185). Campinas: Pontes Editores.
- Gimonet, J. C. (2009). *Lograr y comprender la pedagogía de la alternancia*. Guatemala: Serviprensa y AIMFR. Edición en castellano.
- Ichard, J. L. (2016). *La Formation: un facteur clé du développement rural* (Tesis Doctoral). Universitat Internacional de Catalunya, Barcelona. Recuperado de <http://hdl.handle.net/10803/384714>
- Montessori, M. (1948). *Ideas generales sobre mi método*. Buenos Aires: Losada.
- Piaget, J. (1970). *O Nascimento da inteligência na criança*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar.
- Pineau, G., & Puig-Calvó, P. (2019). Histoires de vie avec l'alternance: la voie de recherche-formation en deux temps trois mouvements et le master Formation et Développement durable au Brésil. *Revista Brasileira de Educação do Campo*, 4, e7279. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e7279>
- Puig-Calvó, P. (2003). Les centres familiaux de formation par alternance:

développement des personnes et de leurs milieux. Recherche-action internationale sur la place de la formation et de la recherche dans une institution. Mémoire DURF (non-publiée). Université de Tours.

Puig-Calvó, P. (2006). *Los centros de formación por alternancia: desarrollo de las personas y de su medio* (Tesis Doctoral). U. I. Catalunya. Archivo digital UIC, Barcelona.

Puig-Calvó, P., & García-Marirrodiga, R. (2011). Formation de formateurs de terrain et validations universitaires. Relation d'expériences en Amérique Latine. *Revue TransFormations*, (6), 53-70.

Puig-Calvó, P., & García-Marirrodiga, R. (2019). La alternancia: un sistema educativo en constante evolución. Contribución al desarrollo de las personas y los territorios. In Foerste, E. P. C. *et al.* (Org.). *Pedagogia da Alternância. 50 anos em terras brasileiras. Memórias, trajetórias e desafios* (pp. 189-218). Curitiba: Appris Editora.

Puig-Calvó, P., & González-García, J. (2018). La formación por alternancia-dual. Interacciones empresa y centro de formación: acompañamiento y experiencia. In *3r Congrés d'Economia i Empresa de Catalunya*. Recuperado de [https://www.scipedia.com/public/PERE\\_GARCIA\\_2018a](https://www.scipedia.com/public/PERE_GARCIA_2018a)

<sup>i</sup> Versão em português por Cícero da Silva. Toda a responsabilidade pela tradução é dos autores.

<sup>ii</sup> Escuela Familiar Agraria.

<sup>iii</sup> Maison Familiale Rurale.

<sup>iv</sup> Termo proposto pela rede de escolas brasileiras devido ao grande número de denominações diferentes e utilizado com frequência desde 2004-2005. Pere Puig-Calvó, em sua tese de doutorado defendida na Universidade Internacional da Catalunha, sobre os Centros Familiares de Formação por Alternância (2006), sistematiza seu

uso. Na reunião da EPLA de outubro de 2009 na Colômbia, foi aprovado com o significado: CENTROS EDUCATIVOS FAMILIARES de FORMAÇÃO por ALTERNÂNCIA, ou seja, foi acrescentada a palavra EDUCATIVO ou de EDUCAÇÃO para que os Ministérios dos diferentes países compreendessem este aspecto e não sejam entendidos como centros de orientação familiar.

<sup>v</sup> Ver Gimonet (2009).

<sup>vi</sup> Ver Duffaure (1985, 1993).

<sup>vii</sup> Ver Puig-Calvó e González-García (2018).

#### Informações da entrevista / Interview Information

Recebido em : 29/07/2020  
Aprovado em: 10/08/2020  
Publicado em: 26/08/2020


Received on July 29th, 2020  
Accepted on August 10th, 2020  
Published on August, 26th, 2020

**Conflitos de Interesses:** Os autores declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a esta entrevista.

**Conflict of Interest:** None reported.

#### Orcid

Jordi González-García

 <https://orcid.org/0000-0002-9087-7281>

Cícero da Silva

 <https://orcid.org/0000-0001-6071-6711>

#### Como citar esta entrevista / How to cite this interview

##### APA

González-García, J., & Silva, C. (2020). A Pedagogia da Alternância, o caminho percorrido e o futuro: entrevista com Pere Puig-Calvó. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 4, e10143. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e10143>

##### ABNT

GONZÁLEZ-GARCÍA, J.; SILVA, C. A Pedagogia da Alternância, o caminho percorrido e o futuro: entrevista com Pere Puig-Calvó. **Rev. Bras. Educ. Camp.**, Tocantinópolis, v. 4, e10143, 2020. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e10143>